

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 26 de Agosto - 1926

5 TOSTÕES



sempre **16**
five semanário humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

No mez das romarias



• O Zé -- Dança, Mariazinha, dança, que depois talvez chores...



Os ditos da semana



O sr. ministro da Justiça disse na Figueira da Foz que este governo é acusado de ser muito tolerante.

Em materia politica e economica, e sem *blague* nem ironia, não encontramos que objectar ao sr. Manoel Rodrigues.



Um homem do mar — contou-nos ele proprio — salvou um dia, a custo, uma mulher que se tinha atirado ao rio, que ia revolto. Levada a dama para o posto da capitania, ali foi necessario despi-la, para lhe vestir outras roupas. E quem foi pelo cabo de mar encarregado da faina? O salvador, que não sahendo entender-se com roupas de

mulher, rasgou tudo para a despir e vestir mais depressa.

O certo é que a senhora tomou-se de tal «gratidão» ao maritimo a quem deve a vida que... nunca mais lhe falou, e quando passa por pé d'ele, volta-lhe a cara como a um inimigo.

—Porquê?—pregunta o pobre homem. Talvez porque a salvei... Talvez porque lhe rasguei a roupa...

Não. Porque a despiu. Na politica dão-se muitas vezes casos semelhantes de pudor.



Sabem a historia—isto vem a proposito da ultima reunião do P. R. P.—do homem

que perdeu a carteira, cheia de dinheiro, e que teve a sorte de a encontrar, entregue na policia, oito dias depois.

—Falta alguma coisa?

O homem contou, recontou e depois disse:

—Faltam... os juros.

Ora imagine-se que veem outra vez os democraticos.



O sr. general Carmona confessou a um jornalista que não conspirou nem foi revolucionario a quando do 28 de Maio. Tambem já declarou que não teve nada com o golpe de Estado que o colocou no poder, depois da demissão imposta ao general sr. Gomes da Costa.

Isto só ajuda a provar a

isenção dos revolucionarios, que entregaram a pessoa fóra da Revolução, inicialmente, o maximo poder, prova tambem de que mais vale quem Deus ajuda de que quem muito madruga.

Nisto tem razão o sr. José Eugenio Dias Ferreira.



—Porque olhas tanto para esse macaco?
—Estou a vêr como é que o Veroneff e applicava ao meu marido...



—Porque é que tu andas vestido de homem?
—Porque eles, agora, andam vestidos de mulheres...

Ceia dos Marechais

Parodia á «Ceia dos Cardiais»

PERSONAGENS

{ Cadaver — Z. P. (imitando o cardeal português)
Desejado — A. C. (imitando o cardeal francês)
Couraceiro — P. C. (imitando o cardeal espanhol)
Um criado bem fardado.

CONCLUSAO

Couraceiro
Já eu não penso assim...

Desejado
E' menos gabirú?...

Couraceiro
Ah! decerto que sou...

(ao compère):
Mas em que pensas tu?...

Desejado
No seu caso, acredite,—eu teria mais calma.

Couraceiro
Que faria?

Desejado
Rapava a pêra, sem demora...
Você, como a não tem,—era bigode fóra;
calmamente tomava um comboio qualquer,
e pronto:— estava salvo, e punha-se a mexer.

Couraceiro
Bela ideia!...

Compère
De truz!... Das que valem por três!...

Couraceiro
Agora é tarde já... Fica p'ra a outra vez...

Desejado
Feita com certo geito, até a ofensa é linda!
Pode ser forte o bronze,—a frase é mais ainda...
Eu, confesso,—com ela é que tenho "grimpado",!...
— Nos comícios, no fóro e como deputado,
dos tempos da ominosa á data sublimada!...
P'ra mim, a frase é tudo... O resto,—quasi nada!
Com ela é que se diz o que ao povo seduz...
O povo!... O men menino!... Esse meu ai! Jesus!...
Lembro-me muito bem da scena das espadas...
Tanta gente, senhor, subindo pelas escadas
daquele Ministerio!... E co'a frase, por fim,
vi-os mudar d'ideal; vi-os olhar para mim!...
Foi em Maio... No mar, uma musica estranha,
Não ouves?... Em que estás, cadaver, a pensar.

Compère (como se despertasse)
Em como é diferente o que tenho a contar.
Nem a frase subtil, nem o rijo combate...
Em que estou a pensar!?... Olhem que disparate!...
Em que havia de ser, se não num belo fato
por quatorze mil réis? No bacalhau barato?
No tempo em que adorei uns cinco réis em cobre,
com que comprava um pão e dava esmola a um pobre?...

Desejado
Pois tu também amaste, oh! cadaver?

Compère
Se amei!...
Eu era rochunchudo... Era mesmo um regalo!...
E embora, muita vez, o lapis do Bordalo
me albardasse de burro e chuchasse comigo,
sentia-me feliz, alegre, e só lhes digo
que bebia do roxo e fazia questões,
quando a desfeita e o pão custavam dois tostões!...
Amava os cinco réis e tinha um mealheiro...
Uma libra?!... Ih! Jesus!... Que data de dinheiro!...
Mas um dia, enlevado, ouvi falas amigas
e deixei-me embrulhar no rol das cantigas...
Creio que adormeci... Oh! mas que pesadão!...
Acordei sem vintem, quasi núsinho em pêlo,
e quanto aos cinco réis, meus amigos,—nem eu!...

(Com tristeza)
Deus, se m'os quiz tirar,—p'ra que foi que m'os deu?!...
Para quê?... Para quê?...

Desejado
Oh! cadaver,—então!...

Compère
E nunca mais os vi, por negra entalção!...
Hoje só ha papel... Um papel sem valor;
um papel indecente e cheio de bolor,
coberto p'lo suor do meu trabalho honrado...

Couraceiro
E' ele, de nós três, o unico encravado!...

(Ouve-se fóra uma descarga cerrada)

Couraceiro e Desejado desaparecem, tremendo, acto continuo

Compère (pondo-se de pé)
Uma l. zarga?! O quê? Temos um novo bodo?
O' da guarda! que agora é que m'o levam todo!...
E' outra, e a valer!... Que grande entaladela!...
Se a muito nesta terra ha gente que se afoite,—
Aquele (indica a E) já saltou um dia p'la janela,
e eu vou fazer o mesmo:—Amigos, boa noite!

(Dirige-se á janela correndo, como se fosse a saltar—Escuro e mutação.)

Quadro Inédito duma revista
de BARBOSA JUNIOR e SILVA TAVARES



TEATRO

«RETROZ PRETO...»

A H. L., no T. V., tem sido muito aclamada no interessante numero «O cigarro do asilado». Todas as noites o seu avental se enche de cedulas e de cigarros de todas as qualidades.

O publico aplaude assim a ideia da iniciativa e o carinho como a actriz interpreta o numero.

Ha dias, houve no palco daquelle teatro uma emocionante scena.

Os empregados do palco, carpinteiros e mestres, compraram tabaco, mortalias e fosforos e, no final do numero, entregaram á actriz H. L. doze pequenos pacotes contendo o necessario para um velhote poder fumar...

Foi mais uma prova do carinho com que foi recebida a iniciativa do nosso papásinho *Diario de Lisboa* e de como ainda ha, mesmo no meio teatral, coração e generosidade...



A VELHA nau do T. N. conseguiu arribar.

Vai bonançosa e lépida por esse mar fóra do successo.

Agora a nova peça é—«Se eu quizesse...»

Mais não sabemos, enquanto não fór a «première». O. A. de A., no entanto, já disse:

—Se eu quizesse... ficar...

Logo alguém do lado lhe respondeu:

—Espera que o J. D. venha de Londres e faz a corte á Marquiza...



DAO-SE alviçaras a quem encontrar o empresario E. B.

Perdeu-se pela provincia.

Leva uma companhia—talvez a primeira do mundo—e muitas peças com exito.

Caso o encontrem, podem escrever para qualquer jornal de Lisboa, onde as suas noticias não têm chegado...



ENTROU no T. do G. a actriz C. de O.

Para adoçar a boca tão amarga do espectador, vai dar-lhe um *bombom* antes da *lagosta* que lhe prometeram.

E' menos indigesto e mais delicado, não acham?



O T. M. V. está tendo casas cheias. A revista pegou.

Será o Serapião a «omascotte»?

Daqui recomendamos o afortunado animal ao empresario Segurado.



A ACTRIZ E. L. vai de novo *sercirizar-se*—passe o termo—que ainda não está no dicionario academico.

A sua paixão pela peça fadista irá até ao Nacional...



O EMPREZARIO A. M. já fez este ano duas viagens ao Brasil.

As suas explorações no Rio têm batido o *record*.

Quando chegar a terras de Santa



A actriz Hortense Luz que no Teatro Variedades tão carinhosamente acolheu a ideia do «Cigarro do Asilado», iniciativa do «Diario de Lisboa»

Cruz, e se fór abordado por algum jornalista, dirá:

—Em Portugal faz muito calor. Consegui refrescar o T. M. V. Eles agora que se refresquem sósinhos, mas não me mandem a conta, como da outra vez...

NO T. V. ha um numero intitulado: «Adeus, Anita».

Será por causa da *estrela* L. C., que já desponta no Cruzeiro do Sul?

DIZEM que o E. T. abre esta semana...

O L. F., um dos autores da revis-

ta, que veraneia em S'nta e anda atrapalhadissimo por causa dos morangos, perguntou ao S. T.:

—Com assucar francês ou á portuguesa?

Resposta do S. T.:

—Tanto faz. Com meio litro de carraçáo, em numeros populares, temos uma salada de frutas á altura!

OS PREÇOS dos teatros estão a baixar como o calor está a aumentar...

Agora já se diz «preços resumidissimos»...

O que serão preços resumidissimos?

Galarim

Ninguém o pode alurar e a todos prega pirraça... Mas é justo confessar que a boa piada, a graça natural, a de momento, a que sai sem esforços grandes, — nasceu, por encantamento, no dia do nascimento do Nascimento Fernandes.

Um borlista.



Será ir de graça ou será receber ainda por cima depois de ter visto a peça?

Seja como fór, o publico, mesmo caro, quando é bom, vai... mas quando é caro e mau é que não ha forma...

No caso apontado, nem barato o bori se lá ia...

TITULOS das peças dos autores do dia:

Do persistente auctor A. G. — «O desterrado... do Nacional».

Do C. S.—«O Genio Incompreendidos».

Do A. C.—«Rehabilitação da Zilda».

Do J. C. de O. e F. L.—«Os orfãos do Politeama».

Do V. B.—«A ultima paixão do Octavio».

Do J. D.—«A Severa Esterelizada».

Do N. de A.—«Fóra e muito fóra do castigo que apanhei».

O NOSSO bom Holtremann, que a terra comeu, foi toda a sua vida um *blagueur*.

Nas epocas em que o azar não lhe proporcionava um contrato, deitava mão doutros empregos. Foi durante muito tempo professor primario e até revisor de jornais.

Um dia em que a sorte o fez empregar no jornal *A Epoca*, como revisor, atravessava a Avenida da Liberdade descuidado e alegre.

Um amigo perguntou-lhe:

—O' Holtremann, vais á *Epoca*?

Holtremann, levantando a bengala até ao ombro, respondeu:

—Não, hoje vou á Luis XV.

UMA joven actriz, das que tambem querem ter carta de *chauffeur-amador*, para nos poder matar na rua, precuira, segundo ella propria diz, um automovel igual ao da E. L., mas que seja da marca *Fiate*, ou *Chanar*, ou então um *Borlietes*, mas que tenha tudo, até um conta-léguas...

O S. F. resolveu, em parte, a crise por que estava passando.

Empurrou a companhia de revista e contratou uma companhia de cães comediantes...

Isto não se faz!

ESTIVEMOS muitas semanas sem nenhuma *première*, pois para esta annunciavam-se nada menos de três...

Não ha fome que não traga fatura...

VAI para as aguas a companhia que esteve representando, no T. do G., as «Três Meninas... Nugas».

O Homem das 5 horas

Fruta DO tempo

Como elas pensam...

A certa dama de gentil presença, um meu amigo fez notar, um dia, que havia uma tremenda diferença entre ela e o chauffeur com quem vivia.

Ela um amor, vestindo bem, galante; Ele um boçal, um tipo ordinário, com as mãos calejadas p'lo volante e a lingua... calejada p'lo calão.

Isto, é claro, por outras expressões, porque o tal meu amigo é literato, e uma das suas grandes aptidões é, quando fala, não falar barato...

Assim, disse-lhe mais que era uma pena que um pal'ninho de cara tão catita, tivesse tido sorte tão pequena e se encontrasse tão feliz co'a dita...

Que uma mulher como ela, inteligente, podia ter entrada em toda a parte, tendo escolhido alguém que fosse gente nas letras, nas sciencias ou na arte!...

Em resumo:—o chauffeur ficou sem pele. E, por fim, perguntou-lhe, sem respeito, que achava n'ele p'ra viver, com ela, no mesmo quarto, e até no mesmo leito!...

Ela não gostou muito da exigencia mas, como ha frases que nos não comsomem, respondeu, a sorrir da impertinencia: —Eu não me deito com a intelligencia: deito-me com o homem!...

Passava um burro, co'a salaia á frente, transportando uma trouza p'ra barreira. E o meu amigo, desdenhosamente, olhando o burro,—despediu-se dela.

Silva Tavares.

Modas da C. M. L.



Qual será o figurino adoptado para esta

O homem do monoculo

ou a historia da delicadeza que mete as mãos nas algibeiras

A sr.^a D. Miquelina Rosa da Costa o Silva, esposa dum elegante caixeiro do Grandela, era uma pessoa que não necessitava muito para ser feliz. A sua vida estava pautada como um caderno de escolar. Levantava-se ás seis; ia á praça ás nove; fazia o almoço e o jantar; ás quintas-feiras ia ao Central; ao domingo dava um passeio com o marido a Bemfica, onde petiscava, regressando ás dez, pade petiscava, regressando ás dez para casa. A sua unica extravagancia era ir a casa da mãe, todas as segundas-feiras. Viviam na rua da Boa Vista, vinha ao largo da Estrela ás duas da tarde, apeava-se no largo do Camões, subia a rua do Mundo—e lá subia no segundo andar materno, na rua da Rosa, de onde saía ás cinco da tarde—a tempo ainda de fazer o cosido.

Na segunda-feira, teve de correr para apauhar o electrico. Estava á cunha—cheio de gente vulgar, como ela. A unica pessoa que se destacava era um sujeito elegante, ar estrangeirado, de monoculo reluzente e sedutor, que se sentara ao seu lado.

Vem o condutor e perguntou: —Para onde? —Camões... O condutor cortou o bilhete e estendeu-lh'o... Ela abriu a mala de mão, afundou os dedos—e ficou palido. Tinha a certeza que metera uma nota de vinte escudos na mala—e a mala continha apenas um lenço, um frasquinho de perfume reles. Era uma vergonha. Como havia de pagar?!

—Eu tinha a certeza... eu... eu... —Não quero saber de historias... berrou o condutor... —Cortei o bilhete e não posso agora levá-lo para casa para o colar á parede... —Eu peço desculpa... Eu apoei-me... Eu tinha a certeza de que...

E tremia-lhe o labio, quasi chorosa. Foi então que o cavalheiro de monoculo, muito sobrio, estendeu sete tostões ao condutor, dizendo: —Pago o bilhete dessa senhora...

Ela respirou fundo e gaguejou mil agradecimentos.

—Não sei como patentear a minha gratidão... O cavalheiro acredite que eu julgava ter dinheiro no bolso... Peço-lhe o favor de dar-me a sua morada... O meu marido irá pessoalmente pagar e agradecer-lhe.

E ele, muito sobrio sempre, disse apenas:

—Não tem importancia. Não vale a pena!

Aquelas duas semanas que se seguiram foram de doce desassoscego para ela. Noite e dia, aquele homem e o seu monoculo e o seu gesto gentil não se separavam do seu espirito. Era como um jacto de luz na monotocidade da sua existencia. A partir de então, os passeios a Bemfica, os cinemas de quinta-feira, o cosido, os beijos do caixeiro—tudo lhe parecia horrivel.

Na terceira segunda-feira, ao entrar no electrico, na Estrela, reparou que o mesmo sujeito de monoculo ocupava o mesmo lugar. Sem saber porquê, foi sentar-se ao seu lado... Tentou mostrar-se; tentou provocar um cumprimento, e por mais que fizesse, não conseguiu desviar o olhar do seu rosto moreno e sedutor...

Despertou com a voz do condutor: —Para onde deseja? —Camões!

Abriu a mala, meteu a mão—e só encontrou um lenço e um frasco de perfume. E ela estava certa de que, ao sair de casa, tinha metido trinta escudos... Fez-se palida... gaguejou... Repetia-se a scena.

—Não quero saber disso... Eu é que não posso ficar com o bilhete!— protestou o condutor...

E o cavalheiro de monoculo, estendendo-lhe as cedulas, repetiu também: —Pago eu o bilhete...

Ao que havia de sedução na alma daquela mulher misturou-se uma languida vergonha: —Eu não sei como agradecer-lhe... Vai parecer-lhe que uso, por sistema, não trazer dinheiro na mala para que me paguem o bilhete do electrico. Mas diga-me onde mora. O meu marido irá...

E ele cortou, seco e delicado, ao mesmo tempo: —Não tem importancia!

Pouco mais adiante apeava-se... Ela seguiu-o com o olhar. Ter-se-hia entregado se ele quizesse...

Mas logo que o carro desapareceu, ele tomou um livro de apontamentos e escreveu:

Despesas:

2 bilhetes de \$70.....	1\$40
Entrada, 20\$00 e 30\$00	50\$00
Beneficio	48\$60

Opinião sensata



—Talvez lhe ficasse melhor um retrato a moleo corpo...

Prato DO sonhos

6.º sonho o de Chaby Pinheiro

A ressonar, qual ronca de vapor, num leito reforçado de noqueira, tremia a enorme papreira o nosso bom Chaby e grande ator...

Oh! Não sonhava co'o primeiro amor... Sonhava uma tournée nas de manciéis que dando a volta á terra toda inteira, visitasse a vante mental a seu calor...

Andou p'la Moita, por Marracos, Pea, mais terras mil que nunca ninguém via, colhendo louros que aqui ou ali!

Foi a Timor, Guiné e ao Larradio... Quando residia, estava no Montepio cobrindo um cheque para a Vichy!!!...

7.º sonho o de Luís Ruas

Dormia o Luis Ruas, tão feliz, sonhando com o carro que comprou, quando um mosquito vem e o acordou, picando-lhe na pontinha do nariz...

Mosquito é Mascotte!!!—logo diz —pois nos enguiços sempre accediteu— e, pelo Apolos, lesto, então, entrou, a vêr se, dum acaso, vinha o X.

Nisto, o Rafael Marques, muito aflito, entrou pelo escritorio como um cego... ..Dahi se originou o tal conflito.

E disse o Ruas, crente:—«Não o nego... Não fosse eu acordar co'o tal mosquito que até o Citroen ia p'ro prego!...

8.º sonho o do Luís Perelra

Um dia que saiu do Politeama e recolhia, triste, aos seus penates, que sonho fertil teve em disparates o Luis Perelra, mal entrou na cama!!!

Sonhou que os filhos todos a quem ama, nam pesadilo horrivel p'los embates, o igualava a quatro bonifrates e a outro dava toda a dinheirama!...

—Calentus lá a noite que eu passei!!! —contou-m'o um dia, ainda muito aflito— co'um 'stremeção a pildra até estalei!!!

Outro sarilho assim, morria frito!!!... —Sabes qual foi o filho que adoptei em sonhos maus? Foi o Macedo e Brito!!!

9.º sonho o de Amante

No camarim, cansado, o Amante um dia foi soprado por Morfeu e, em sonhos, sabem para o que lhe deu? —P'ra ser um perclulario, um extrac-gante!

Gastara toda a massa co'uma amante e o método—esse lima muito seu— e a ordem, tudo lhe desapareceu saltando-o da avesso, num instante...

Mas acordou, mostrando o maior ciú poraus apauhou do chão, entre a sua fresta, um alfinete e disse, co'um sorriso:

—«Rediquem... Quem guardas o que não presta, mais tarde encontrará o que é preciso...»

E continuou, feliz, dormindo a sesta!...

O' Mãe Cristo Neto.

Animais amigos



O borracho



A passarola

Meu caro «Sempre fixe»:

Lisboa está cada vez mais pombalina... Tom pombais por todos os cantos. Há-os no Corpo Santo, Pelourinho e Rossio. Isto são os pombais civis, dos militares não falaremos. Em cada canto temos uma veneziana Praça de São Marcos... ouro. Almas caridosas sustentam a milho os pombais adultos, os borrachos sustentam-os... a vinho. Que diferença entre estes pombos mariolas... e vadios e os que vivem e engordam fechados... E' que uns nasceram para comer e outros nasceram para ser comidos... com ervilhas.

Emquanto cá fora, no Largo do Município, os pombos são tratados com carinho, lá dentro, na sala das sessões municipais, uma voz brada guerra de extermínio aos gatos e cães... Esta voz de baixo... tirano é a do sr. dr. Veiga e Sousa, que bem alta se ergue contra os Fieis... que não tem coleira, nem pagam imposto... camarario. Os maltezes, os tigras, os tarcos e os carochos também irão em pó... de gato. Será um Saint-Barthelemy da historia... natural. Não haverá mais vida... de cão e os gatos... escaldados de agua fria terão modo. E como a agua é pouca, as regas continuarão a ser ministradas medicinalmente pelo sr. dr. Veiga e Sousa em doses... homeopáticas.

Dado o tom zoological desta carta, passo a contar uma anedota que me impingiram... Vendo-a pelo preço que a comprei...

Em certa terra do Minho, vive um bom prior que, além da governante, a sr.^a Catarina, tem ainda duas criadas, a Felizarda e a Conceição. Completa o interior domestico um cão



UM TRUC

Diz o luso fascista incipiente,
Com mal justificados sobressaltos,
Que a democratica e perigosa gente,
Que foi corrida por incompetente,
Volta a ingressar nos cargos os mais altos.
Não percebe a facção louca e estouvada,
—Que tudo quer levar á valentona
E á ponta aguda de feroz espada,—
Que a medida que foi tão censurada
E' um dos habeis trucs do Carmona.
Eu sempre ouvi dizer e afirmar,
Com argumento bem fundamentado,
Que pará um inimigo socegar
E' dar-lhe cibo para mastigar,
Porque enquanto mastiga, está calado.
Trata-se muito de jicadamente:
E assim que vai passando o maior perigo,
E o cumplice venal fica impotente,
Se lhe tiram as postas de repente,
E não ha que temer do inimigo.
Que então, se ele começa a embravecer,
E pucha a naifa que tem metro e palmo,
Ao Povo ingenuo e puro é só dizer:
—«Vêde o que ele queria era comer!
Porque enquanto comia esteve calmo!»
Sossegai, ó facção louca e estouvada,
Que tudo quereis levar á valentona
E á ponta aguda de feroz espada,
Que a medida por vós tão censurada
E' um dos habeis trucs do Carmona!

João Fernandes

Carta a Namir

He as deizardes dominar,
passareis vós a ocupar
Posições tristes e falsas...

Namir.

(Do numero passado do Sempre fixe).

Minha Senhora:

Obrigado

p'la sua dedicatória
do «Sempre fixe» passado,
a que respondo apressado
pois, ser cortês, é da historia.

O que eu em mim não encaizo
é essa falta de estima
p'lo progresso, e até bem acho
que as calças mudem p'ra baizo
e as saias fiquem por cima.

A vida, p'ra ter encantos,
precisa ser variada...
—O riso alivia os prantos,
e morreríamos santos
comendo sempre pescada!...

Qu'importa a mulher que passa
fumando? A mim não me atraza.
Antes isso do que faça
como a Maria da Graça,
que tem cinzeiros em casa...

E com respeito ás razões
sobre posições,—mister
é não levantar questões
porque, quanto a posições,
cada qual toma as que quer.

Silva Tavares.



por um "lunatico,, de lunetas

que é o encanto do padre. E tem razão, o bicho é inteligentissimo, fazendo coisas que maravilham toda a gente. Por mais de uma vez, o nosso prior tem dito:—«Este cão, para ser uma alma cristã, só lhe falta falar...» Perto do presbitero mora um tipoiide que a sabe toda... Ouvindo repetidas vezes o dito do prior, formulou um projecto que pôs em execução... Um belo dia procura o visinho e diz-lhe:

—O sr. prior já teve conhecimento dum veterinario do Porto que, enxertando guelas de papagaio nos cães, os põem a falar como gente?

O prior, admirado, observou:

—Isso é lá possivel!...

—E' autentico!... Eu sei de dois animaisinhos que ficaram a falar melhor de que muitos deputados do falecido Parlamento... E a operação custa apenas um conto de réis...

O prior, depois de pensar um pouco:

—O meu cão vale bem esse sacrificio... Você é quem me podia fazer o favor de levar o animal ao veterinario...

—Da melhor vontade!... Da melhor vontade!...

No outro dia, o quidam partiu levando o cão, o conto de réis e mais algum dinheiro para a viagem. Mal chegou ao Porto, atou um pedregulho ao pescoço do cão e atirou-o ao Douro... Depois foi uma pandega rasgada até durar o dinheiro... Oito dias passados, recebe o prior uma carta:

«...A operação correu bem... O animal tem ainda a voz rouca e o veterinario pede mais quinhentos escudos para completar a obra... Em todo o caso, o cão já me disse para o recomendar ao sr. prior...»

Por vale do correio, o quidam recebeu a importancia pedida. Estafado o dinheiro, o sujeito resolveu voltar á terra. Com todo o descaramento, apresentou-se ao prior. Este, ancioso, perguntou-lhe pelo cão.

—O cão? Matei-o!...

—Você matou-me o cão!...—exclamou, indignado, o padre.

—E fiz muito bem!... Se o trouxesse, era um descredito para o sr. prior!... Imagine, mal saiu do veterinario, começou logo a dizer em voz

alta:—«O sr. prior, com a sua cara de santo, é um pandego... Todas as noites dorme com a Catarina, a governante...»

O prior, vermelho como um pimentão, bradou:

—Mentia como um cão!... Fes você muito bem em estafá-lo...

—Ainda ha mais!—continuou o outro.—O cão ainda me disse: «O sr. prior tem tido entrevistas com a Felizarda, no olival...»

O prior, passando do vermelho ao amarelo, enfiado voltou:

—Que linguinha de prata, o patife!...

—E o maldito ainda acrescentou: «Então com a Conceição, isso tem sido uma pouca vergonha, no palheiro!»

Tremulo, o prior sacou uma nota de mil escudos e entregou-a ao patife, dizendo:

—Pegue lá!... Cale-se com isso tudo e não diga nada a ninguem... Que cão tão vill!... Como ele arranhou tantos e tão grandes falsos testemunhos!...

Costureiras da mesma rua

A Engracia, de cestinho na mão, a caminho da modista, diz confidencialmente á sua amiga Felismina:

—Sabes? Ontem de manhã encontrei um sujeito de idade que me prometeu vestidos, casa mobilada e automovel... E á noite encontrei outro que me ofereceu joias, dinheiro e um chalet no Estoril... Disse-me: qual dos dois escolherias tu?

A Felismina, sem hesitação, respondeu:

—Se isso fosse comigo, escolhia os dois!...

O CONCURSO INFANTIL do *Sempre fixe*



49



52



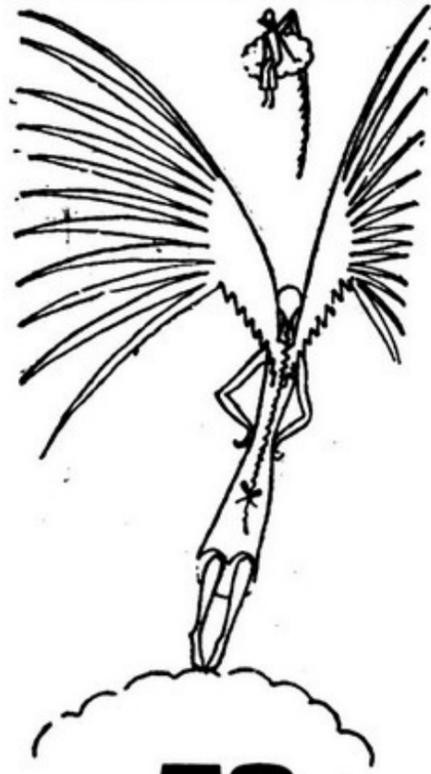
55



59



50



53



56



60



51



54



57



61



58



A' espera do... Censor



A lagosta Estas sardinhas sempre são muito anti-patriotas. Deixaram-se pescar pelos espanhóis. Nós, ao menos, somos pelos aliados...



—Até parece impossível, menina Rosa, morrer de uma doença de coração... um homem que em vida nunca e teve...